

Prot. CG 134/2025
À TODA A FAMÍLIA AGOSTINIANA RECOLTA

Que o Deus da esperança cumule os nossos corações de alegria e paz.

1. A santidade e a missão: dois nomes de um mesmo amor

Queridos irmãos e irmãs da Família Agostiniano-Recoleta,

Dentro de poucos dias celebraremos a solenidade de Todos os Santos e também a festa de todos os santos da Ordem, celebrações luminosas nas quais a Igreja nos lembra que a santidade não é privilégio de alguns, mas vocação universal, um chamado de Deus a todos os que trazem em seu coração a sua imagem. É o dia da multidão incontável, anônima e próxima, que fez de sua vida uma oferenda de amor.

Nesse contexto de santidade cotidiana e concreta, quero dirigir-me a toda a Família Agostiniano-Recoleta para anunciar, com alegria, o início do **Ano Missionário de 2026**, sob o lema que nos oferece nosso Pai São Agostinho: *“Proclamemos a Cristo onde seja possível.”*

Este ano não é simplesmente um tempo temático, mas um **chamado à conversão missionária**, a reacender o fogo do amor que nos impulsiona a sair, a ir além de nossas fronteiras geográficas, culturais e espirituais. A santidade e a missão não são caminhos paralelos, mas uma mesma estrada que conduz ao coração de Deus.

A santidade sem missão corre o risco de tornar-se intimista; a missão sem santidade é um corpo sem alma. O santo é o missionário que ama até o extremo, e o missionário é o santo que não pode calar o amor que o habita.

Como nos lembrava o Papa Leão XIV em sua homilia do Jubileu do Mundo Missionário, toda a Igreja é missionária, e somos chamados a “sair para anunciar o Evangelho a todos, sem demora, sem repugnância e sem medo.”¹ A santidade não é fuga do mundo, mas a forma mais elevada de presença: a alma em missão é a Igreja em saída.

2. “Anunciai Cristo onde puderdes”: um fogo que não pode calar-se

São Agostinho, mestre do coração, compreendeu que o amor não pode permanecer ocioso. Quem ama, anuncia; quem foi tocado por Cristo, não pode encerrar-se em si mesmo. *“Anunciai Cristo onde puderdes”*, dizia o Bispo de Hipona, não como um lema estratégico, mas como um transbordamento de amor.

Este Ano Missionário deseja ser um convite a redescobrir a paixão evangelizadora que faz parte da nossa identidade. Nossa história é tecida de rostos missionários: os que partiram para terras distantes e os que permaneceram evangelizando na simplicidade da vida. De Palawan a Marajó, de Chota a Serra Leoa, de Lábrea a Cuba, de Bocas del Toro a Casanare, cada missão da Recolção foi um altar onde a vida se ofereceu por amor ao Evangelho.

Nas palavras do Papa Leão ressoa um chamado urgente: “A questão não é partir, mas permanecer para anunciar Cristo através da acolhida, da compaixão e da

¹ Papa Francisco, Evangelii Gaudium, 23.

solidariedade.” Esse **permanecer é o verbo da santidade**: permanecer em Cristo, permanecer no amor, permanecer junto ao irmão que sofre.

O missionário agostiniano recoleto é, antes de tudo, um enamorado. Traz no coração a inquietação de quem foi alcançado pelo Amor e deseja “atrair a todos para o amor de Deus”. Nossa missão não nasce do dever, mas do transbordamento, de termos sido tocados por um amor que não se guarda.

3. A missão nos santifica

As missões foram e continuam sendo a flor mais preciosa da nossa Ordem, o lugar onde a caridade se torna concreta e a obediência se transforma em caminho. Nelas se forjaram santos e mártires, testemunhas do amor que não desiste.

Aí estão São Ezequiel Moreno, Santa Madalena de Nagasaki, os beatos mártires do Japão, a Irmã Cleusa, Ignacio Martínez, Gazpio... e tantos outros nomes que talvez não estejam nos altares, mas sim no Livro da Vida. Em seus rostos brilha a santidade missionária que não busca aplausos nem reconhecimento, mas a fidelidade cotidiana, silenciosa e fecunda.

A santidade, assim como a missão, não consiste em fazer grandes coisas, mas em amar muito. O santo não foge do mundo: ele o abraça com compaixão. E o missionário não busca a si mesmo: ele se oferece. Onde o amor se torna serviço, onde o Evangelho se encarna em pequenos gestos, aí Deus se torna visível e o Reino avança.

Nesse sentido, o Ano Missionário 2026 quer ser um tempo de graça para renovar nosso chamado à santidade apostólica. Não se trata apenas de partir para novos territórios, mas de permitir que o Espírito nos tire das zonas de conforto, das seguranças e das rotinas, para nos tornar disponíveis, humildes e fecundos.

A santidade não é evasão, mas envio. E o envio não se sustenta sem raízes de santidade. Quem vive verdadeiramente em Cristo traz dentro de si o impulso do Seu próprio amor missionário.

4. A missão como resposta à dor do mundo

O Papa Leão, em sua homilia jubilar, recordava-nos os rostos concretos da dor: os migrantes, os deslocados, os que atravessam mares em busca de vida, os que sofrem por causa da injustiça ou da indiferença. Neles, dizia o Papa, ressoa o grito do profeta Habacuque: “*Até quando, Senhor?*”

Esse clamor humano é também um envio divino. A missão nasce da dor do mundo e da compaixão de Deus. Ser missionário hoje é permanecer junto às periferias, não apenas geográficas, mas existenciais: ali onde o ser humano perde o sentido, onde a fé se apaga, onde a esperança parece impossível.

A *Evangelii gaudium* recorda-nos que é preferível uma Igreja “acidentada, ferida e manchada por sair às ruas, a uma Igreja enferma por encerrar-se em si mesma.” Também nós, como Família Agostiniano-Recoleta, queremos viver este Ano Missionário com essa ousadia do Espírito, que não teme errar se o faz por amor.

Sair, acolher, consolar, acompanhar, essas são as quatro atitudes missionárias que este tempo deseja reacender em todos nós. E tudo isso só é possível se antes deixarmos que Deus renove em nós o fogo do seu amor. Pois **não há missão sem conversão, nem anúncio sem oração, nem envio sem comunhão.**

5. Abertura do Ano Missionário 2026

Com alegria anuncio que a abertura oficial do Ano Missionário da Ordem dos Agostinianos Recoletos ocorrerá no próximo 7 de dezembro de 2025, em Santo Domingo, lugar histórico que viu a canonização do primeiro santo agostiniano recoleto, São Ezequiel Moreno, e onde seu espírito evangelizador continua pulsando com força.

Convido todas as comunidades, paróquias, colégios, movimentos e fraternidades seculares a marcarem o início deste ano com uma celebração especial, adaptada a cada realidade, mas unida em um mesmo espírito: tornar visível a alegria de ser enviados.

6. Testemunhas do Amor

Este Ano Missionário não nos pede acrescentar mais atividades, mas reacender o fogo do primeiro amor. Convida-nos a olhar com novos olhos a missão que já vivemos, a deixar que o Espírito Santo nos liberte da tibieza, da rotina, da mundanidade espiritual, e nos devolva a alegria do Evangelho.

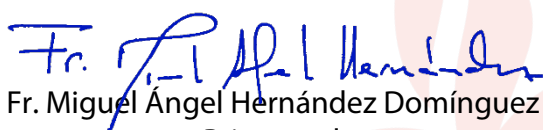
Anunciar Cristo é anunciar o Amor. E o amor, quando é verdadeiro, expande-se, comunica-se, contagia. Essa é a nossa tarefa e a nossa alegria: ser testemunhas do amor de Deus no coração do mundo.

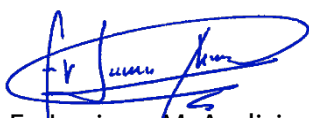
Peço a todos que este ano seja marcado pela oração missionária, pela fraternidade entre comunidades, por gestos concretos de serviço aos mais pobres e por iniciativas de evangelização que brotem da criatividade do Espírito.

Que Maria, primeira missionária de seu Filho, nos ensine a sair apressadamente para as montanhas da vida, levando Cristo no coração e nas mãos. Que São Agostinho nos conceda sua paixão pela verdade e seu ardor pela Igreja. E que nossos santos e mártires recoletos intercedam por nós, para que vivamos este Ano Missionário com ousadia, alegria e santidade.

Com afeto e esperança.

Madri, 30 de outubro de 2025.


Fr. Miguel Ángel Hernández Domínguez
Prior geral


Fr. Luciano M. Audisio
Secretário geral

